

# O RETRATO DAS CAMADAS POPULARES EM MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

RAFAEL BRANDÃO \*

MARCOS ROGÉRIO MARTINS COSTA\*\*

## RESUMO

Pretendemos por meio deste texto, analisar e discutir o retrato das camadas populares na obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, publicada em livro, pela primeira vez, em 1854. Nosso objetivo é discutir a questão do malandro na obra, tendo como figura central a personagem Leonardo; a cultura em que essas camadas populares estavam inseridas, por meio das festas religiosas. Objetiva-se ainda retomar a dialética da ordem e da desordem tão bem formulada por Antônio Candido, em seu artigo denominado *Dialética da Malandragem*, publicado em 1970; mostrando como esse debate ocorre no romance, por intermédio de seus personagens. Assim, parece que o universo criado na obra vive livre da culpabilidade do erro e do pecado.

**Palavras-chave:** Malandro. Memórias de um Sargento de Milícias. Dialética da ordem e da desordem.

---

\* Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Católico UNISalesiano Auxilium. Licenciado em História pela Faculdade Integrada de Ariquemes (FIAR). Contato: ra.fa.big@hotmail.com

\*\* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor permanente da Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (FAUESP). Professor da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP). Escritor Imortal da Academia Contemporânea de Letras (ACL). Contato: marcosrmcosta15@gmail.com

## ABSTRACT

Through this text, we intend to analyze and discuss the portrait of the popular layers in the book *Memoirs of a Sergeant of Militias*, by Manuel Antônio de Almeida, to publish in a book, for the first time in 1854. Our objective is to discuss a matter of rascal in work, having as its central figure a character Leonardo; a culture in which these popular strata were inserted through religious festivals, as well as retaking the dialectic of order and disorder so well formulated by Antonio Candido, in his article called *Dialectic of Malandden*, published in 1970; showing how this dialectic occurs in the novel through its characters. Thus, it seems that the universe created in the work occurs from guilt for error and sin.

**Keywords:** Trickste. *Memoirs of a militia sergeant*. Dialectic of order and disorder.

## INTRODUÇÃO

A obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, escrita por Manuel Antônio de Almeida, foi publicada pela primeira vez em folhetins semanais na *A Pacotilha*, nos anos de 1852 a 1853, no qual o autor se utilizou do pseudônimo “Um Brasileiro”. No ano seguinte o autor publicou em livro o primeiro volume do romance e em 1855, lançou, também em livro, o segundo volume.

O pesquisador Duda Machado (1998) explica que *Memórias de um Sargento de Milícias* foi criado devido às conversas que Almeida teve com seu amigo português, Antônio César Ramos, na redação do *Correio Mercantil*, onde Almeida trabalhou, e nas andanças pela cidade. O fato é que Antônio César gostava de contar a Almeida suas histórias do Rio de Janeiro da época da vinda da família real portuguesa para o Brasil. Antônio César era um sargento aposentado e homem viajado, razão pela qual tinha consigo um vasto repertório de histórias para contar e as compartilhava com Almeida.

Dando reforço a tal entendimento, Machado (1998) pontua que o sargento conheceu o major Vidigal, que aparece na história

como chefe de polícia e é temido por todos, assim o personagem não foi colocado por acaso na história. Outra questão importante que o estudioso (1998) aponta é que o pseudônimo colocado por Almeida, em seu livro, isto é, “um brasileiro”, não fora por acaso, além de que o romance escrito pelo autor era totalmente contrário ao modelo do Romantismo brasileiro, vigente na época.

Vejamos:

Tal rubrica (“por um brasileiro”) não era casual ou simples capricho, já que correspondia tanto ao tema e objeto do romance – uma narrativa sobre a realidade popular – quanto a seu estilo, moldado numa linguagem coloquial. No entanto, o romance de Manuel Antônio de Almeida divergia completamente do modelo do Romantismo brasileiro, que começava a alcançar grande sucesso de público com sua idealização de tipos nacionais (por exemplo, o índio em *O guarani* e *Iracema*) ou com suas tramas sentimentais à Joaquim Manuel de Macedo (MACHADO, 1998, p. 10).

Necessário destacar algumas informações sobre o livro. *Memórias de um Sargento de Milícias* é constituído por 68 capítulos, escrito em terceira pessoa, num tempo cronológico, com uma passagem natural do tempo – vemos a personagem Leonardo nascer, crescer, mas se manter como uma figura dramática plana, mesmo havendo a impressão que ele evolui no final da história, ao se tornar sargento e se casar com Luisinha. A história se passa na cidade do Rio de Janeiro e o autor procura abordar a vida da coletividade urbana nesse espaço. Um aspecto importante é que Almeida nos faz conviver com todas as classes sociais em inter-relação e seus costumes bons ou maus, bem como com a cultura dessa sociedade, transmitida pelas festas de rua, da Igreja, com sua questão religiosa e os costumes de família.

Outro aspecto importante da obra é que o escritor incorpora a linguagem popular e da classe média da época, mantendo-se

num linguajar coloquial e fugindo, como já dito, dos padrões românticos da época, quando os romances retratavam os ambientes aristocráticos. Talvez, por ter tido uma vida humilde, segundo comenta Alfredo Bosi (2015), o autor teve motivos ou a condição necessária para retratar o elemento popular em *Memórias de um Sargento de Milícias*.

O livro conta a história de Leonardo, que foi abandonado pela mãe, Maria da Hortaliça e pelo pai, Leonardo Pataca, sendo desde pequeno um menino travesso, até crescer e virar sargento de milícias, já no final da história. Criado pelo padrinho, um barbeiro, que tenta incentivar Leonardo aos estudos, mas não consegue. A personagem, figura típica do malandro brasileiro, não gostava de estudar e vivia a vida vadiando, às custas dos outros.

Com a morte do padrinho Leonardo volta a viver com o pai, mas foge após um desentendimento, se envolvendo logo em seguida com a mulata Vidinha, ao mesmo tempo, em que sofre perseguições do Major Vidigal, e acaba preso. Solto graças à ação de uma ex-namorada de Vidigal, Maria-Regalada, Leonardo não só consegue a liberdade, como também se torna sargento da tropa regular.

Entre os temas que a obra trata estão: o romance, principalmente nos episódios em que Leonardo se apaixona por Luisinha e Vidinha, mas também nas paixões tidas por seu pai; o malandro; as classes populares no Rio de Janeiro; o casamento, as relações familiares, a ordem que tenta ser mantida a todo custo pelo Major Vidigal e a desordem causada pelos próprios personagens, em relação a seus atos.

O realismo de Almeida tem seu valor, na medida em que procura captar, “[...] pelo fluxo narrativo, uma das marcas da vida na pobreza, que é a perpétua sujeição à necessidade, sentida de modo fatalista como o destino da cada um” (BOSI, 2015, p. 140-141).

Desse modo, o presente trabalho tem sua relevância enfatizada não só por todas essas considerações acima ressaltadas,

mas também pelo seu objetivo central de discutir e analisar o retrato das camadas populares na obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, averiguando a questão do malandro na obra, tendo como figura central a personagem Leonardo; a cultura em que essas camadas populares estavam inseridas, por meio das festas religiosas, bem como a ideia de retomar a dialética da ordem e da desordem, formulada por Antonio Candido, em seu artigo denominado *Dialética da Malandragem*, publicado em 1970; mostrando como essa dialética ocorre no romance, por intermédio de seus personagens, num mundo em que parece que a culpabilidade do erro e do pecado não existem.

### **A REAVALIAÇÃO CRÍTICA E O MALANDRO EM MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS**

Ao lermos o artigo *Dialética da malandragem* (1970), de Antonio Candido, vemos que o autor cita alguns estudiosos que trataram de definir o gênero romanesco a que a obra *Memórias de um Sargento de Milícias* pertenceria. Candido (1970) entende que em 1894 José Veríssimo definiu-a como um romance de costumes, considerando as descrições das cenas e lugares do Rio de Janeiro, no tempo do rei Dom João VI. Nesse sentido, nada foi dito de novo, até que em 1941, Candido (1970) esclarece que Mário de Andrade reorientou a crítica, comentando que o romance seria de tipo marginal, afastado da corrente média das literaturas, como os padrões estilísticos de Apuleio e Petrônio, na Antiguidade, ou o clássico da literatura espanhola *Lazarillo de Tormes*, no Renascimento, que apresentam personagens anti-heróicos, que são modalidades de pícaros.

Trazendo novos elementos à análise recorreremos a Gilberto Vasconcellos e Matinas Suzuki Jr. (1984), para quem o pícaro é uma personagem do romance espanhol de finais do século XVI e do século XVII, possuindo astúcia com finalidades concretas e pragmáticas. Com uma origem humilde e de apego à ociosidade, o pícaro extrai de sua experiência uma visão amarga da vida, uma

espécie de azedo pessimismo. Ainda para os estudiosos (1984, p. 519), com relação ao pícaro:

A sua veia satírica é marcada pelo ressentimento. Procurando sempre um sentido moral para suas experiências – e adepto do estoicismo – o herói picaresco se defende com a inteligência, a agudeza na arte de enganar e de escapar quando o embuste é descoberto. (Vasconcellos e Suzuki Jr., 1984, p. 519).

Retomando a crítica feita à obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, no ano de 1956 Antonio Candido (1970) comenta que Darcy Damasceno rejeitou as posições anteriores sobre as *Memórias*, visto que nessa obra faltam as marcas peculiares do gênero picaresco e nem histórico seria o livro, mesmo havendo nele certas doses de veracidade quanto à época retratada – menos ainda realista, pois a leitura atenta nos evoca o uso da imaginação, bem como do improvisado sobre a retratação ou a reconstituição histórica. Assim, para Candido (1970), Damasceno prefere a designação de romance de costumes para a obra.

Candido (1970) procura comparar as características de *Memórias* com as do típico herói ou anti-herói picaresco, dizendo que o segundo, isto é, o próprio pícaro, narra suas aventuras em primeira pessoa – já *Memórias* tem sua obra narrada em terceira pessoa. Ao mesmo tempo, Candido (1970, p. 69) chama atenção para o fato de que:

Em compensação, Leonardo Filho tem com os narradores picarescos algumas afinidades: como eles, é de origem humilde e, como alguns deles, irregular, “filho de uma pisadela e um beliscão”. Ainda como eles é largado no mundo, mas não abandonado, como foram o Lazarillo ou o Buscón, de Quevedo; pelo contrário, mal os pais o deixam o destino lhe dá um pai muito melhor, a pessoa do Compadre, o

bom barbeiro que toma conta dele para o resto da vida e o abriga da adversidade material. Tanto assim que lhe falta um traço básico do pícaro: o choque áspero com a realidade, que leva à mentira, à dissimulação, ao roubo, e constitui a maior desculpa das “picardias”. Na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa; mas Leonardo, bem abrigado pelo Padrinho, nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial, não um atributo adquirido por força das circunstâncias.

Ainda comparando Leonardo, personagem principal de *Memórias*, ao pícaro da literatura espanhola, Candido (1970, p. 69-70) afirma o seguinte:

Como os pícaros, ele vive um pouco ao sabor da sorte, sem plano nem reflexão; mas ao contrário deles nada aprende com a experiência. De fato, um elemento importante da picaresca é essa espécie de aprendizagem que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada. Mais coerente com a vocação de fantoche, Leonardo nada conclui, nada aprende; e o fato de ser o livro narrado na terceira pessoa facilita esta inconsciência, pois cabe ao narrador fazer as poucas reflexões morais, no geral levemente cínicas e em todo o caso otimistas, ao contrário do que ocorre com o sarcasmo ácido e o relativo pessimismo dos romances picarescos. O malandro espanhol termina sempre, ou numa resignada mediocridade, aceita como abrigo depois de tanta agitação, ou mais miserável do que nunca, no universo do desengano e da desilusão, que marca fortemente a literatura espanhola do Século do Ouro.

Para Candido (1970), o malandro espanhol não tem amigos e nem amor, e se vier a se casar, será por interesse. Por outro

lado, Leonardo possui sentimentos mais sinceros neste quesito, como o episódio em que se apaixona por Luisinha e no final acaba se casando com ela. Além disso, não sendo nenhum modelo de virtude, Leonardo é leal e prefere se comprometer para não ver preso o malandro Teotônio. Outro fator de diferença entre a obra de Almeida e os romances picarescos, segundo Candido (1970), é que os segundos são frequentemente obscenos, usando o palavão à vontade, enquanto *Memórias* apresenta um vocabulário limpo, sem baixeza de expressão “[...] e, quando entra pela zona da licenciosidade, é discreto, ou de tal modo caricatural que o elemento irregular se desfaz em bom humor [...]” (CANDIDO, 1970, p. 70-71).

Percebe-se assim que *Memórias* tem muitas semelhanças, mas também inúmeras diferenças em relação aos romances picarescos. Nesse sentido, Candido (1970) chega à conclusão de que a personagem Leonardo, de *Memórias*, é o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira.

Assim, o escritor (1970 p. 71) comenta:

Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularisca de seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma* e que Manuel Antônio com certeza plasmou espontaneamente, ao aderir com a inteligência e a afetividade ao tom popular das histórias que, segundo a tradição, ouviu de um companheiro de jornal, antigo sargento comandado pelo major Vidigal de verdade. (CANDIDO, 1970, p. 71).

Podemos destacar também, que a questão do malandro no Brasil remete-se ao início de nossa colonização, pois os



portugueses que aqui chegaram, de um jeito muito esperto e malandro, valorizavam o ócio ao invés do trabalho e exploravam os escravos até não querer mais. Assim, tendo em vista essa herança cultural, quando falamos do malandro, principalmente na literatura brasileira, não podemos esquecer desses detalhes.

Ao tratar de tal questão recorremos a Altamir Botoso (2011, p. 7), para quem a malandragem brasileira é um jeito muito nacional, sendo um traço nosso, expressa em diversas gestualidades, como “[...] o “jeitinho”, a safadeza, a ascensão social com pouco esforço”. Todavia, o indivíduo que encarna essas características, na vida social e na esfera da cultura, é sem dúvida nenhuma, o malandro.

### **ANALISANDO A OBRA: A DIALÉTICA DA ORDEM E DA DESORDEM**

O livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Almeida, foi sem dúvida muito analisado por Candido (1970), pela dialética da ordem e da desordem, fato totalmente visível quando lemos a obra. Assim, nosso intuito nesta parte é mostrar como tal discussão predomina na obra, a partir de seus personagens, bem como tratar a questão das camadas populares, por meio das festas religiosas.

Primeiramente, cabe ressaltarmos aquilo que Candido (1970, p. 77) afirmou, com relação à dialética da ordem e da desordem: “[...] Se não teve consciência nítida, é fora de dúvida que o autor teve maestria suficiente para organizar um certo número de personagens segundo intuições adequadas da realidade social”.

Deste modo, abordando a questão que nos preocupa, isto é, a dialética da ordem e da desordem, podemos pensar do mesmo modo que Candido (1970), ou seja, seria a personagem central do livro, tendo sua mãe à direita e seu pai à esquerda, todos no mesmo plano. Assim, com um critério específico, podemos colocar o restante dos personagens acima e abaixo da linha que as figuras centrais citadas ocupam.

Acima estão as personagens que vivem segundo as normas estabelecidas, com o seu maior representante, o major Vidigal; abaixo temos as personagens que vivem em oposição, ou no polo da desordem. Destarte, temos então, dois hemisférios, um positivo da ordem e um negativo da desordem, os quais funcionam como dois ímãs que atraem Leonardo, depois de atraírem seus pais. Deste modo, o livro funciona nesse esquema, com certos momentos pressupondo um hemisfério positivo e outro negativo, e assim Leonardo vai crescendo, participando dos dois lados, até no final da história ser conquistado pelo polo positivo.

Ao analisarmos primeiramente o pai Leonardo Pataca, vemos que como oficial de justiça ele ocupa o polo da ordem – porém quando é abandonado por Maria da Hortaliça começa a entrar no mundo da desordem, envolvendo-se num amor por uma Cigana e entrando num mundo proibido, com feitiçarias, onde o major Vidigal acaba por surpreendê-lo e levá-lo para a cadeia. Com o passar do tempo, Leonardo Pataca sai da prisão e se casa com a filha da comadre, isto é, Chiquinha; a partir daí ele acaba voltando para o lado da ordem.

Ao analisarmos a personagem Leonardo filho podemos destacar a seguinte consideração feita por Candido (1970, p. 78):

Se analisarmos o sistema de relações em que está envolvido, veremos primeiro a atuação dos que procuram encaminhá-lo para a ordem: seu padrinho, o Compadre; sua madrinha, a Comadre. Através deles, entra em contacto com uma senhora bem posta na vida, Dona Maria, que se liga por sua vez a um próspero intrigante, José Manuel, acolitado pelo cego que ensina doutrina às crianças, o Mestre de Reza; que se liga sobretudo à sobrinha Luisinha, herdeira abastada e futura mulher de Leonardo, depois de um primeiro casamento com o dito José Manuel. Estamos no mundo das alianças, das carreiras, das heranças, da gente de posição definida; em nível modesto, o Padrinho barbeiro e

a Vizinha; em nível mais elevado, Dona Maria. Todos estão do lado *positivo* que a polícia respeita e cujas festas o major Vidigal não vai rondar.

Do mesmo modo, podemos pensar essa dialética por meio das personagens Luisinha e Vidinha, em que a primeira está no plano da ordem, como uma menina burguesa, que possui herança, podendo se relacionar com alguém de forma viável, apenas no casamento, ao mesmo tempo que Leonardo, ao se encantar por ela, foca-se em conquistá-la, e acaba mantendo-se no plano da ordem. Por outro lado, Vidinha representa o plano da desordem, pois é a garota a quem se pode apenas amar, sem casar, sendo de família humilde e que Leonardo ao se envolver com ela acaba voltando novamente ao plano da desordem, pois se mete nas mais diversas encrencas e acaba sendo preso pelo major Vidigal.

No entanto, cabe aqui uma consideração. Se no final da história Leonardo se casa com Luisinha e tudo parece se ajeitar para um final feliz, colocando-o no plano da ordem novamente, vemos que poderia não ser bem assim, pois a gangorra que gira a história entre a dialética da ordem e da desordem pode muito bem continuar, inclusive para Leonardo, que já possui um caráter típico de malandro e que a todo momento comete suas travessuras. Podemos realizar essa interpretação por intermédio da seguinte passagem da obra: “Daqui em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto-final” (ALMEIDA, 1998, p. 152).

O major Vidigal também transita nessa dialética, pois se de primeiro momento ele é tido como representante da ordem, em alguns momentos, como no episódio em que Leonardo fora preso e iria ser chicoteado, as três mulheres, isto é, a Comadre, D. Maria e Maria-Regalada, vão a casa de Vidigal a fim de induzirem-no a não chicotear Leonardo e soltá-lo da prisão.

Em tal episódio, Maria-Regalada, uma antiga amante do major, consegue convencê-lo, entrando num acordo com ele, vejamos:

Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala, e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major, desanuviou o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

- Ora está! disse em voz baixa à sua interlocutora; pois era preciso falar nisto? Enfim...

- Ora, graças que se lhe acabaram os sestros, respondeu Maria-Regalada em voz alta.

- Sim?!... exclamaram as duas sorrindo de esperança.

- Eu bem dizia que o Sr. Major tinha bom coração...

[...] O major atalhou esta explosão de gratidão que levava vivos de ir longe.

- Hão de ficar ainda mais contentes comigo... não lhes digo por quê, mas verão... (ALMEIDA, 1998, p. 146-147).

A cena seguinte é que o major soltou Leonardo e ainda lhe deu o posto de sargento, pois Maria-Regalada aceitou o pedido de Vidigal de morar com ele, desejo que esse nutria há um bom tempo. É assim que vemos como o major também sai do plano da ordem indo para o plano da desordem, ao soltar Leonardo por um pedido de sua antiga amante, deixando-se levar pelos desejos.

Até mesmo o próprio padrinho, que criara Leonardo, ainda se mantendo durante quase toda a história no plano da ordem, já havia transitado no plano da desordem em épocas passadas, quando trabalhava com a função de executar sangria num navio – num dado episódio, quando o capitão do navio estava muito doente, entregou ao compadre a herança que tinha, imaginando que iria morrer, para que este entregasse à sua filha, quando chegasse em terra. O fato é que o compadre não cumpriu com sua promessa e ficou com a herança do capitão.

Assim conta o autor:

O capitão chamou-o à parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de couro e uma caixa de pau pejudas de um bom par de doblas em ouro e prata, pedindo que fielmente as fosse entregar, apenas chegasse à terra, a uma filha sua, cuja morada lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o também de receber a soldada daquela viagem e lhe dar o mesmo destino.

[...] Quanto às ordens do capitão... histórias; quem é que lhe havia de vir tomar contas disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os únicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma coisa eram os marinheiros; porém estes partiram em breve de novo para a Costa.

O compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez (ALMEIDA, 1998, p. 36-37).

Concomitantemente, segundo Candido (1970), diferentemente da maioria dos romances brasileiros do século XIX, mesmo os que formam uma pequena minoria dos romances cômicos, as *Memórias de um Sargento de Milícias* criam um mundo livre do peso do erro e do pecado, sem repressão, a não ser a imagem de ordem do major Vidigal, mas cujo desfecho já vimos o que acontece. Assim, temos uma visão de uma sociedade muito tolerante, representada na obra de Almeida.

Por fim, cabe analisarmos as festas religiosas, que de certo modo representam muito a cultura das camadas populares presentes no Rio de Janeiro, do século XIX, vistas do ponto de vista do autor. Escolhemos para isso o episódio da procissão, em que as Baianas aparecem, denominado *D. Maria*, no capítulo XVII, e o episódio do *Domingo do Espírito Santo*, presente no capítulo XIX da obra.

No primeiro episódio, temos a seguinte passagem:

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação;

e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem, na época em que viveram as personagens desta história a coisa subia de ponto; enchiam-se as ruas de povo, especialmente de mulheres de mantilha; armavam-se as casas, penduravam-se às janelas magníficas colchas de seda de damasco de todas as cores, e armavam-se coretos em quase todos os cantos. E quase tudo o que ainda hoje se pratica, porém em muito maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, porém nós diremos, porque era feito por moda: era tanto do tom enfeitar as janelas e as portas em dias de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festividades religiosas, como ter vestido de mangas de presunto, ou trazer à cabeça um formidável trepa-moleque de dois palmos de altura.

[...] Nesse tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo [...].

[...] Queremos falar de um grande rancho chamado das – Baianas, - que caminhavam adiante da procissão, atraindo mais ou tanto como os santos, os andores, os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado esse rancho por um grande número de negras vestidas à moda da província da Bahia [...] (ALMEIDA, 1998, p. 59-60).

Nesse episódio fica claro o contraste que há entre os negros, da província da Bahia, e a população branca, e outras camadas sociais, pois, para o autor, esse tipo de festa não era feito por fé, mas por moda. Assim a população se esbanjava no luxo e via a procissão como uma grande festa e não como algo de relevante valor religioso. Os próprios senhores entendiam essas manifestações como diversão e nostalgia. Já do outro lado das camadas populares, estavam os negros, que faziam tais manifestações culturais, no caso a procissão, para cultuar seus

deuses e sua religiosidade, encarando a procissão mais a sério, de acordo com sua cultura.<sup>1</sup>

O episódio do *Domingo do Espírito Santo*, descrito no capítulo XIX das *Memórias*, traz a seguinte passagem:

[...] digamos sempre o que eram as Folias desse tempo, apesar de que os leitores o saberão pouco mais ou menos. Durante 9 dias que precediam ao Espírito Santo, ou menos não sabemos se antes disso, saía pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9 a 11 anos, *caprichosamente* vestidos à pastora: sapatos de cor-de-rosa, meias brancas, calção da cor do sapato, faixas à cintura, camisa branca de longos e caídos colarinhos, chapéus de palha de abas largas, ou forrados de seda, tudo isto enfeitado com grinaldas de flores, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento *pastoril* em que tocavam, pandeiro, machete e tamboril. Caminhavam formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma música de barbeiros, e precedidos e cercados por uma chusma de *irmãos* de opa levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quais tiravam esmolos enquanto eles cantavam e tocavam.

O imperador, como dissemos, ia no meio: Ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de veludo verde, calção de igual fazenda e cor, meias de seda, sapatos afivelados, chapéu de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espírito Santo ao peito: caminhava pausadamente e com ar grave.

Confessem os leitores se não era coisa deveras extravagante ver-se um imperador vestido de veludo e seda [...] (ALMEIDA, 1998, p. 67).

---

<sup>1</sup> Para mais informações, conferir: <http://www.saberglobal.com.br/deondea-baianavem/vocesabia.html>. Acessado em: 01/11/2019.

Nesta cena, temos novamente marcas da cultura religiosa, vinculadas às camadas populares no Rio de Janeiro, na época em que se passa a obra, sendo sinais de religiosidade que a cultura portuguesa legou ao Brasil. Esta religiosidade se manifesta na passagem acima, como o culto ao Divino Espírito Santo. No entanto, mais uma vez, Almeida nos mostra um cenário de folia e luxo, dando destaque à roupa de veludo e seda, que um menino, na figura do imperador do Divino, usava. Vemos assim, a diferença entre os brancos europeus, vinculados à cultura portuguesa, com a cultura africana, analisada por nós no episódio do capítulo de *D. Maria*; em que a primeira trata das festas religiosas mais como festas, no sentido de esbanjar luxo e cair na folia, não na ideia de cultuar os santos. Já a cultura africana se atém firmemente aos seus valores religiosos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, é de grande importância para se analisar as questões das camadas populares do Rio de Janeiro, do século XIX, que a obra procura retratar. Ao mesmo tempo, a temática do livro não é discutida em nenhum dos movimentos literários da literatura brasileira de seu período, como o indianismo, nacionalismo, entre outros, o que também contribui para destacá-lo entre as produções nacionais.

Na sua estrutura, temos a questão da dialética de ordem e de desordem, tão bem formulada por Candido (1970), assim como o rompimento dos extremos, deixando de lado o significado de lei e da ordem e manifestando as questões culturais de grupos, em que a moralidade não existe. Além disso, a obra se torna rica, justamente por tratar da malandragem brasileira. Por fim, como disse Candido (1970, p. 87), “[...] não manifestando estas atitudes ideológicas, o livro de Manuel Antônio é talvez o único em nossa literatura do século XIX que não exprime uma visão de classe dominante”.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. 31 ed. São Paulo: Ática, 1998.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOTOSO, Altamir. **A recriação do pícaro na literatura brasileira: o personagem malandro**. Porto Alegre: Letrônica, v. 4, n.1, p. 133, jul./ 2011.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias). In: **Revista do instituto de estudos brasileiros**, nº 8, São Paulo, USP, 1970, pp. 67-89.

MACHADO, Duda. O Romance do Malandro Brasileiro. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. 31 ed. São Paulo: Ática, 1998.

*SABERGLOGAL*. Disponível em: <http://www.saberglobal.com.br/deondea-baianavem/vocesabia.html>. Acesso em: 01/07/2017.

VASCONCELLOS, Gilberto; SUZUKI, Matinas. A malandragem e a formação da música popular Brasileira. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano – Economia e cultura (1930 – 1964)**. São Paulo: Difel, 1984.